

Escrita, fala, pensamento e realidade: algumas considerações acerca do “Primeiro Capítulo” do *De Interpretatione* de Aristóteles

Writing, speaking, thoughts and reality: some considerations around the “First Chapter” in Aristotle’s De Interpretatione

Édison Martinho da Silva Difante*

Resumo: o presente estudo tem como objetivo principal fazer uma análise do “Primeiro Capítulo” do Tratado *De Interpretatione* de Aristóteles. À luz do texto aristotélico, se buscará cotejar os apontamentos de C. W. A. Whitaker e de J. L. Ackrill em suas respectivas traduções comentadas, para a partir disso, tecer algumas considerações no que diz respeito aos pontos principais discutidos pelo próprio Aristóteles no texto em questão. Mesmo que de forma sintetizada, nessa parte da obra Aristóteles trata da relação entre a escrita, a fala, os pensamentos e a realidade. De um modo geral, portanto, considerando as duas traduções comentadas, objetiva-se não só entender, mas também demonstrar, ainda que sumariamente, o modo segundo o qual Aristóteles considera a possibilidade, condizente com a estrutura da linguagem, de existir um acordo entre as afecções de alma e as coisas das quais essas afecções ou pensamentos são semelhanças.

Palavras-chave: Linguagem. Pensamento. Realidade. *De Interpretatione*. Aristóteles.

Abstract: the following study chiefly aims at making an analysis of the “First Chapter” from Aristotle’s *De Interpretatione* treatise. Based on the author’s book, we will try to investigate C. W. A. Whitaker and J. L. Ackrill’s notes, through their commented translations, in order to make some considerations regarding the main points discussed in the selected text. Aristotle’s work is not very clear and, besides that, it is synthesized. However, it is in this first part of the treatise that the author discusses the relationship between writing, speaking, the thoughts and reality. Therefore, considering both commented translations, we aim not only at understanding, but also at showing, yet summarily, how Aristotle considers the possibility, consonant with language structure, of existing an agreement between affections of the soul and the things to which these affections or thoughts are similar.

Keywords: Language. Thought. Reality. *On Interpretation*. Aristotle.

1 Considerações iniciais

Não são muitos os comentários a respeito do “Primeiro Capítulo” do *De Interpretatione* de Aristóteles. Talvez isso se dê em função da aparente dissociação do capítulo com o restante da obra: “o que sugeriria uma importância não muito decisiva para a proposta inicial da mesma” (OLIVEIRA, 2010, p. 51). O *De Interpretatione* geralmente é analisado sob duas perspectivas: ou, como um conjunto de textos ou compilações isolados, pois segundo essa leitura não existe uma ligação entre os textos; ou então, uma leitura – que aqui se julga mais coerente - que defende a busca de um fio condutor para a obra em sua totalidade.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Professor na Universidade de Passo Fundo (UPF); E-mail: difante@upf.br.

De acordo com a visão tradicional, o *De Interpretação* aparece como um escrito intermediário no *Corpus aristotelicum*, como a segunda obra do *Organon*, sucedendo as *Categorias* e antecedendo os *Primeiros Analíticos*. A obra versa sobre os futuros contingentes, sobre a significação natural e convencional, universais e particulares, frases declarativas e oposições entre frases declarativas, isto é, contrariedade e contraditoriedade. Além disso, é nesse tratado de Aristóteles que se encontra a primeira discussão acerca da lógica modal, coisa que posteriormente é retomada nos *Primeiros Analíticos*¹. Desse modo, o texto compõe, juntamente com as *Categorias* e os *Primeiros Analíticos*, as reflexões lógicas de Aristóteles.

Segundo a leitura de C. W. A. Whitaker, na obra *Aristotle's De Interpretatione: contradiction and dialectic*, a concepção tradicional não dá uma visão coerente quanto a função do texto de Aristóteles. Para o comentador o tratado *De Interpretação* não está necessariamente vinculado à “Analítica”, mas à “Dialética” aristotélica. Whitaker tenta fazer, ou propor uma leitura unificada da obra, isto é, para ele o tratado pode ser visto de outro modo que não simplesmente um conjunto de compilações de textos isolados. Além disso, segundo ele, o *De interpretação* não é um tratado acerca da linguagem em geral, nem mesmo da linguagem humana unicamente, o texto trata de pares contraditórios. Nessa medida, segundo essa perspectiva, o próprio título do texto deveria ser *Sobre o par contraditório* ao invés de *Sobre a interpretação*.

Segundo J. L. Ackrill, em sua tradução comentada de 1963, a noção de elocuições como símbolos das afecções não representa nada mais do que as semelhanças das coisas. Na sua perspectiva de interpretação, o início da obra não se mostra de grande relevância para o restante do tratado. Posto que, segundo ele, o que Aristóteles diz sobre nomes, verbos, declaração e frases, cabe à discussão sobre o pensamento - bem como suas implicações -, o que remete ao tratado *De Anima*, conforme é mencionado pelo próprio Aristóteles².

¹ Mais precisamente nos Capítulos 12 e 13, do tratado *De Interpretação*, Aristóteles trata das proposições modais. Posteriormente, o assunto é tratado nos capítulos 3 e 13, do “Livro I”, dos *Primeiros Analíticos*, “desenvolvendo ainda, nos capítulos 8-22 desta última obra, uma versão modal de sua silogística” (ZUPPOLINI, 2011, p. 23).

² Segundo nota de Pinharanda Gomes, em sua tradução do *De Interpretação*, provavelmente Aristóteles esteja se referindo ao “Capítulo 6” do “Livro III” do *De Anima*. Por outro lado, Francisco Samaranch, na tradução das *Obras* aristotélicas diz que é difícil determinar com qual passagem, em concreto, isso se relaciona. Segundo ele, não existe unanimidade entre os comentadores com relação a essa referência aristotélica.

2 A relação entre escrita, fala, pensamento e realidade

O *De Interpretação* inicia com uma breve discussão que aponta para o que vem a seguir, até o “Capítulo VI”³. De um modo geral, pois, a concepção tradicional aponta que as seis primeiras partes da obra tratam de questões gramaticais. Contudo, é possível dizer que no seu conjunto a obra trate de questões de lógica mesmo. Esse pequeno trecho inicial parece mais uma simples introdução, por outro lado, aparentemente, ele “parece, à primeira vista, pouco relacionado com o subsequente tema tratado, a saber, a relação entre a escrita, linguagem, pensamento e coisas” (OLIVEIRA, 2010, p. 52).

Whitaker examina minuciosamente a argumentação de Aristóteles. Além disso, como já foi mencionado, em sua tradução comentada ele observa cada capítulo do *De Interpretação* buscando estabelecer uma unidade coerente do conjunto de toda a obra. Nesse sentido, buscase aqui interpretar que as três primeiras linhas da obra aristotélica como uma introdução sumária.

A primeira parte da obra, exceto as três primeiras linhas, nada mais faz do que buscar estabelecer a relação proposta por Aristóteles entre a escrita, a linguagem, as afecções da alma (pensamentos) e as coisas. Segundo o próprio Aristóteles:

As palavras faladas são símbolos das afecções de alma, e as palavras escritas são símbolos das palavras faladas. E como a escrita não é igual em toda a parte, também as palavras faladas não são as mesmas em toda a parte, ainda que as afecções de alma de que as palavras são signos primeiros, sejam idênticas, tal como são idênticas as coisas de que as afecções referidas são imagens. Este tema foi versado em meu livro *Da Alma*, pois faz jus a diferente disciplina (*DI*, I, 16a, 3-9)⁴.

Da passagem se podem extrair tanto a relação necessária existente entre fala e o pensamento, bem como a relação necessária entre fala e escrita. As maiores dificuldades estão em entender as frases estabelecidas: a primeira de que a fala, ou os sons dados na elocução, seria a representação de uma determinada afecção presente na alma; a segunda, de que os itens escritos são símbolos daquelas coisas que são ditas na elocução. A escrita também, enquanto uma representação das afecções da alma, só ocorre via elocução, a qual lhe precede no tempo.

³ O trecho inicial do *De Interpretação*, diz respeito ao que vem a ser o nome, o verbo, a negação, a afirmação, a declaração e a frase.

⁴ No decorrer do trabalho, nas citações referentes ao *De Interpretação* será utilizada a sigla *DI*, conforme a indicação de Maria Cecília Gomes dos Reis em sua tradução do tratado *De Anima*.

Outro ponto que pode ser discutido diz respeito à frase subsequente: de que nem os caracteres bem como as palavras escritas e as palavras faladas são as mesmas para todos. O que parece claro é que existe a necessidade de concordância da identidade na estrutura da linguagem, seja ela escrita ou falada - entre a coisa e o pensamento enquanto uma afecção da alma -, não importando o modo como as diferentes pessoas ou diferentes línguas determinam os sinais referentes a estes pensamentos⁵. Portanto, somente com relação às afecções da alma Aristóteles dará a possibilidade de universalização, bem como às coisas das quais essas afecções são semelhanças.

Pode-se interpretar que o que Aristóteles está propondo aqui seja uma simples condição para se entender sob quais condições a linguagem coloca-se com relação à realidade. Por mais que existam diferentes línguas e sinais, resta que, aquilo de que se fala sobre as afecções da alma ou pensamentos, e aquilo de que os mesmos são semelhanças, representam sempre afecções para todos, não importando o modo segundo o qual são expressos⁶. Essa é uma estrutura mínima necessária para a comunicabilidade do percebido bem como sobre aquilo que é pensado.

Segundo a interpretação de Whitaker, a natureza do som, também a sua procedência, não é capaz de determinar o modo como a alma registra as percepções das quais o som é uma representação. A única coisa invariável no processo através do qual se representam as afecções da alma é o modo como a própria alma registra os pensamentos. Essa ideia parece reforçar que há a necessidade de uma estrutura invariável, anterior à linguagem, capaz de manifestar a identidade entre o pensamento e a realidade, capaz de ser considerada como única coisa universal.

Pode-se entender que o significado e a verdade da palavra só surgiram mediante um acordo realizado pelos interlocutores. Por outro lado, é possível que exista uma estrutura de recepção de formas na alma. Ackrill, pelo que se pode perceber, acredita que a argumentação

⁵ Segundo Whitaker, o mesmo som pode ser representado por diferentes formas de escrita. Da mesma forma, iguais afecções da alma podem ser representadas por diferentes palavras (1996, p. 09).

⁶ Em Aristóteles o *Ente* e o *Ser* expressam conjuntamente a existência em geral, isto é, a realidade. Admitindo que suas significações são múltiplas, falar do *Ente* significa falar dos modos de existência, ou seja, da realidade. Os modos de existência para Aristóteles se restringem às categorias, dentre as quais a fundamental é a de *substância*, aquela mediante a qual se define *o que é ser*, e, com ele, o sujeito de todo o discurso posterior (SPINELLI, 1997, p. 335-336). Segundo consta na *Metafísica*, “dos predicados, uns significam quididade, outros qualidade, outros quantidade, outros relação, outros ação ou paixão, outros lugar e outros tempo, o ser significa o mesmo que cada um desses predicados” (*Met.*, V, 7, 1017a, 24-27). A relação é a seguinte: o *ser* condizente com a realidade se diz de vários modos, mas é justamente essa realidade que permanece, que é invariável, que é percebida por todos, e conseqüentemente, é aquela que serve de base para todo e qualquer o pensamento, que pode ser expresso pela fala e pela escrita.

de Aristóteles seja suficiente para explicar isso. Para Whitaker, é necessário antes de tudo, entender o significado do termo *symbolon*⁷. Ao que parece, Whitaker pretende justificar a ideia de um convencionalismo da linguagem em Aristóteles. Segundo Ackrill, esse convencionalismo não se justificaria na visão aristotélica, pois nem todos os homens conhecem as mesmas coisas e não poderiam ter os mesmos pensamentos. Da mesma forma, nem a capacidade de diferentes palavras expressarem um dado pensamento é argumento suficiente para explicar que palavras são adotadas por convenção e não por natureza. Ora, ao afirmar-se que a escrita e a fala não são as mesmas para todos, mas que pensamentos e coisas são, parece que a justificativa é clara no âmbito da coisa na realidade, mas não é clara o suficiente para o âmbito do pensamento.

Quanto a essa questão, segundo a sua tradução, Ackrill para justificar sua posição utiliza-se do exemplo de um machado, uma vez que o material para se fazer esse último, não é objeto de convenção. Esse exemplo não é muito propício para resolver o problema em questão, pois adentra no campo de como as coisas de fato são ou devem ser, de acordo com determinadas propriedades e sua utilização para realizar determinadas tarefas. A esse respeito, Ackrill considera que a discussão sobre se a linguagem é ou não convencional é mais brilhantemente realizada no *Crátilo* de Platão (ACKRILL, 1963, p. 114).

Conforme o que já fora exposto, percebe-se maior adequação ao pensamento de Aristóteles a argumentação de Whitaker. Pois segundo consta no início do “Segundo Capítulo” do *De Interpretação*, a palavra é fixada por convenção. A mesma coisa ocorre com o sinal, o qual depende de uma espécie de acordo entre as partes interessadas. Ou melhor, o sinal é escolhido não de acordo com a sua tarefa, mas convencionalmente.

Mesmo que aqui se esteja unicamente tratando do “Primeiro Capítulo” do *De Interpretação*, parte-se do pressuposto que Whitaker proponha um certo convencionalismo em Aristóteles. O fato de ser considerado como sinal de alguma coisa e, efetivamente representá-la, tanto na escrita quanto na fala, é que confere ao som seu significado, e não o simples fato de ser audível. Esse convencionalismo, como afirma o próprio Aristóteles, que não é dado por natureza, mas somente quando ele se torna sinal ou símbolo de algo, se torna efetivo no momento do acordo entre partes interessadas. Logo, sinais podem ser considerados marcas convencionais, os quais podem ser diferentes de acordo com determinados grupos de pessoas, não podendo, desse modo, ser fixados por natureza.

⁷ Whitaker prefere traduzir o termo por *tally* ou *token* (marcação ou sinal). Segundo ele, a tradução mais usual *symbol*, no inglês, possui algumas características das quais a língua grega carece.

Não obstante, isso não pode ser afirmado dos itens primeiros dos quais essas palavras são sinais, a saber, as afecções da alma, nem das coisas das quais essas afecções são semelhanças. Tanto as afecções quanto as coisas são as mesmas para todos. Quando Aristóteles se refere a coisas, essa noção não deve ser reduzida a um simples objeto da realidade, mas pode se referir a coisas complexas ou então a diferentes estados de coisas. No senso comum, costuma-se entender fatos que ocorrem no dia-a-dia como coisas. As coisas que são percebidas, das quais as afecções da alma são semelhanças, têm as palavras e a escrita por sinais para expressá-las. Contudo, as afecções nem sempre são simples, embora suas formas sejam intuídas (ou extraídas) da realidade.

O próprio Aristóteles afirma que é possível pensar algo complexo. Por exemplo, o “bode-cervo”, cujo significado não implica a verdade ou a falsidade da coisa pensada.

Prova: hircocervo⁸ significa deveras uma coisa, mas não é verdadeiro nem falso, a menos que lhe juntemos que há ou não há, universalmente falando, ou relativamente a um certo tempo (*DI, I, 16a, 16-18*).

Ao pensar o bode-cervo (hircocervo), uma composição de dois elementos distintos, não significa que ele tenha uma pretensão de verdade. Simplesmente é uma combinação de dois elementos no pensamento que pode ser expressa tanto por palavras quanto pela escrita, o que não quer dizer que a expressão não possua significado⁹.

No que se refere à expressão “pensamento ou afecção de alma como semelhanças das coisas”, não significa que Aristóteles pretenda que as afecções de alma sejam imagens mentais. Elas são pensamentos relacionados a objetos. A forma do objeto do pensamento é considerada como a forma de algo comum tanto para o objeto, quanto para quem pensa o mesmo. A semelhança do objeto, desse modo, é dada na mente¹⁰. As afecções de alma são pensamentos de coisas que são inteligíveis, por isso são as mesmas para todos. Não importa o lugar, a afecção frente a determinado objeto é sempre a mesma, o que muda são os sinais através dos quais essa afecção é representada. Portanto, para Aristóteles, nesse contexto, é

⁸ Segundo a tradução de Pinharanda Gomes e a de Samaranch: *hircocervo*; na tradução de Ackrill: *goat-stag*; literalmente significa um misto de bode e de veado ou cervo, ou seja, nada mais do que uma quimera.

⁹ “A lógica de Aristóteles, por sua vez, necessita de proposições com estrutura ‘S é P’ capazes de ser verdadeiras e capazes de ser falsas [...]. Em Aristóteles, o afastamento entre *lógos* e ser se reflete na redução do *lógos* a vozes convencionais significativas. O verdadeiro e o falso tornam-se possíveis e explicáveis através de operações psíquicas que refletem ou não relações entre coisas reais simbolizadas pela linguagem. Para o estagirita, dizer o falso não é dizer o não-ser, mas compor uma proposição formada de termos significantes evidenciando uma afecção ou um pensamento errôneo, isto é, que exprime conexões não existentes entre coisas reais simbolizadas pela linguagem” (DINUCCI, 2008, p. 11-12).

¹⁰ Sobre a distinção entre pensamento e imagens, vale conferir os “Livros II e III” do *De Anima*.

somente o pensamento e a coisa que esse pensamento é semelhança que pode ser tomada universalmente. O pensamento, nesse sentido, enquanto semelhança das coisas, não pode ser tomado como marca ou sinal convencionado. “Não podemos escolher quais pensamentos usar para cada coisa: ao contrário de palavras, eles não são signos adotados por convenção para serem associados a uma coisa qualquer” (FONSECA, 2009, p.79).

As palavras, por sua vez, são sinais por convenção. Embora, elas primeiramente sejam sinais das afecções, são sinais das coisas só indiretamente. Segundo Whitaker, retomando Ammonius, palavras são sinais primeiro dos pensamentos, segundo das coisas. O pensamento seria o intermediário entre as palavras e as coisas. Nessa perspectiva, Whitaker concebe que as palavras são sinais, em primeiro lugar das afecções da alma e, posteriormente das coisas. As palavras seriam o meio pelo qual as pessoas expressam os pensamentos que são, por sua vez, semelhanças das coisas. Elas seriam então, o instrumento necessário para que o pensamento, possuidor da mesma forma que a coisa da qual ele é semelhante, torna-se comum; não comum como algo que antes não era, mas como algo que não havia sido revelado. É justamente por isso que as palavras são sinais, em primeiro lugar dos pensamentos e posteriormente das coisas.

Com efeito, resta falar sobre a relação entre marca e sinal. Para Whitaker, o termo marca seria usado para apontar o fato de que a palavra é usada ou adotada por convenção, para estabelecer o pensamento de uma coisa. Sinal, por sua vez, não auxiliaria para entender ou estabelecer as palavras como convencionais ou não. Segundo a perspectiva de Whitaker, a explicação como sinal de um pensamento de alguma coisa somente significa que algum pensamento e alguma coisa correspondem à palavra em questão. Essa justificativa não parece suficiente se considerar que a palavra corresponde a algum pensamento e a alguma coisa admitida somente por aquele que a concebe - pois, somente para ele a palavra em questão tem significado.

A segunda parte do “Capítulo” em questão está direcionada às noções de verdade e falsidade. Aristóteles coloca que pensamentos e palavras que não envolvem composição ou separação não podem ser nem verdadeiras nem falsas. Fica clara, pois, a distinção entre verdade falsidade e significação. As primeiras estão ligadas à separação e combinação. Por outro lado, pode-se pensar e dizer algo (sobre qualquer coisa) sem que isso tenha pretensão de verdade, embora o que foi pensado e o dito possuam uma significação.

3 Considerações finais

Ao finalizar a leitura da “Primeiro Capítulo” do *De Interpretação* de Aristóteles, pode-se dizer que ele é dividido em duas partes, das quais duas passagens foram supracitadas. A primeira parte trata da relação entre a escrita, a fala, as afecções de alma e as coisas das quais essas afecções são semelhanças. A segunda parte, aqui tratada de modo sumário, refere-se à distinção entre elocução e pensamentos complexos. A partir de tal distinção, é permitido que sejam compreendidas as noções de verdade e falsidade referente aos mesmos pensamentos. Com efeito, é possível concluir que a parte inicial do *De Interpretação* traz uma introdução aos assuntos que são desenvolvidos no decorrer da obra. Nesse sentido, partilha-se da opinião de Whitaker, que defende uma leitura unificada da obra e, que, além disso, por tratar de pares contraditórios de proposições, ela está mais vinculada às questões da Dialética do que propriamente da Analítica aristotélica.

Referências bibliográficas

ACKRILL, J. L. Notas à tradução. In: ARISTÓTELES. *Categories and De Interpretatione*. Translated with Notes by J. L. Ackrill. Oxford: Clarendon, 1963. p. 113-155.

ARISTÓTELES. *Categories and De Interpretatione*. Translated with Notes by J. L. Ackrill. Oxford: Clarendon, 1963.

_____. *De Anima*. Tradução, apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. *De la Expresión o Interpretación*. In: _____. *Obras*. Traducción, estudio preliminar, preámbulos y notas por Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1967. p. 265-271.

_____. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1967.

_____. *Periérmenias*. In: _____. *Organon*. Tradução, prefácio e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1985. v. I. p. 121-174.

DINUCCI, A. Notas sobre a teoria aristotélica da linguagem. *Cadernos da UFS - Filosofia*, São Cristóvão, v. 6, p. 7-16, 2008.

OLIVEIRA, T. S. F. Breve análise da relação entre escrita fala, pensamento e coisas no primeiro capítulo do *De Interpretatione*. *Prometeus*, UFS, 3, n.5, p. 51-59, jan./jun. 2010.

FONSECA, R. O. *Aristóteles e a linguagem: estudo e tradução do Peri hermeneías* (partes 1-6). 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SPINELLI, M. O exame de Aristóteles da Proposição ontológica de Parménides. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v. 53, n. 2, p. 323-350, 1997.

WHITAKER, C. W. A. *Aristotle's De Interpretatione: Contradiction and Dialectic*. Oxford: Clarendon, 1996.

ZUPPOLINI, B. A. Essencialismo e necessidade modal em Aristóteles: uma análise de Segundos Analíticos I 6. *Filogenese*, Marília, v. 4, n.1, p. 21-35, 2011.